

ARTIGO

PRUMO

Fronteiras e travessias: a migração venezuelana para o Brasil e a cartografia humana pelas ruas de Boa Vista - Roraima

Dra. Vângela Maria Ísidoro de Morais

Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora adjunta do curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Contato: vangela.morais@ufrr.br

Prof. Damião Marques de Lima

Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Docente do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Estácio da Amazônia, unidade Boa Vista-RR.

Contato: damião.lima@estacio.br

RESUMO

Este ensaio é uma forma de olhar o processo migratório de venezuelanos para o Brasil, em enquadramentos ocasionais ao transitar por avenidas e ruas da cidade de Boa Vista, Capital de Roraima. O objetivo é organizar em algumas imagens os sentidos das fronteiras e travessias simbólicas sobre esse fenômeno, compreendendo os deslocamentos humanos como processos dinâmicos, interativos e cambiantes, a dizer do outro e simultaneamente a dizer de nós. O recorte dessa construção narrativa se faz na inscrição visual dos imigrantes venezuelanos na cidade e nos diversificados fragmentos dessa coexistência tensionada, ao indicar situações de vulnerabilidade dos que buscam refúgio no Brasil e de importantes apropriações híbridas e culturais acerca do que atualmente se configura como um dos fenômenos migratórios mais expressivos no país.

Palavras-chave: Migração; Venezuela-Brasil; fronteiras; Boa Vista

ABSTRACT

This essay is a way to approach the migration process of Venezuelans to Brazil, through occasional visuals perceived by transiting on avenues and streets in the city of Boa Vista, capital of the state of Roraima. The objective is to organize in a array of images the meanings behind the borders and symbolic crossings about this phenomenon, comprehending the human displacements as dynamic, interactive and changeable processes, that do tell about others and, at the same time, about us. The frame of this constructive narrative is made in the visual inscription of Venezuelan immigrants in the city and the diverse fragments of this tense coexistence, by indicating situations of vulnerability of those who seek refuge in Brazil and the important hybrid and cultural appropriations in what nowadays presents itself as one of the most expressive migration phenomenon in the country.

Key-Words: migration; Venezuela-Brazil; borders; Boa Vista

Este ensaio é um texto fotográfico sobre a presença migrante dos venezuelanos no Brasil, nos planos e ângulos das ruas e avenidas da cidade de Boa Vista, capital de Roraima¹. São escritos que ousam convocar outras imagens urbanas e humanas para além das que constam diretamente em seu conteúdo, como forma de animar diferentes enquadramentos de sentidos.

Em busca dessa percepção híbrida da linguagem textual e visual, recorreremos à narrativa das experiências dos trajetos, das travessias que fazemos como observadores de outras travessias, de modo particular, do olhar que lançamos sobre o êxodo de milhares de venezuelanos para o Brasil, processo este intensificado a partir de 2017, e concentrado, sobretudo, em Boa Vista.

Por essa observação, resultante da “atividade retiniana”, como expressa Laplantine (2014), procuramos saber quais os sentidos do visível que escrevem a cartografia dos imigrantes venezuelanos nas vias públicas da capital de Roraima. Nesse deslocamento cultural, além de relevo e cor, estabelecem-se relações concretas, marcam-se encontros de natureza social, e a câmera fotográfica transcende a sua funcionalidade como mecanismo de captura de imagem. “Nós também somos afetados pelo olhar” (Laplantine, 2004, p. 20-21).

Aliás, sobre a linguagem fotográfica, Roland Barthes estabeleceu dois conceitos *studium* (estudo do mundo) e *punctum* (o que corta, sensibiliza, alfineta e amortiza). O primeiro conceito a informar e comunicar ao sujeito observador. O segundo, sendo aquilo que se apresenta naturalmente ao espírito, tornando a fotografia um verdadeiro terreno do saber e da cultura. (BARTHES apud FONTANARI, 2016, p.151).

A premissa em refletir essa interação na calle (rua) e a importância em buscar os sentidos que não se dão por imanência, mas por um processo de permanente aproximação com os sujeitos imigrantes nas vias públicas da cidade, se apoiam concretamente sobre situações contextuais.

Há um êxodo sem precedentes de venezuelanos que miraram o Brasil como lugar de destino, motivados pela urgência em sobreviver mediante a crise econômica e político-institucional que solapa o país vizinho. Tal fenômeno tem se configurado o processo de imigração mais representativo do Brasil em termos de quantidade de solicitação de refúgio. Em 2017, foram 33.865 solicitações dirigidas ao Comitê Nacional para Refugiados (Conare), sendo o maior número já registrado desde a instalação do órgão vinculado ao Ministério da Justiça. Desse total, Roraima assume a liderança em requerimentos de estrangeiros, sendo a Venezuela o país de origem da maior parte dessas pessoas, chegando a representar 52,75% do total².

na-o, nesse processo de dispersão dos venezuelanos para outros países, a principal porta de acesso ao Brasil, por meio da sede do município indígena de Pacaraima, a 214 Km da capital, Boa Vista. Sobre os dados de acesso, a 1ª Brigada de Infantaria de Selva informou à imprensa que cerca de 400 venezuelanos cruzam a fronteira diariamente.

O principal destino dos imigrantes que acessam o Brasil por via terrestre tem sido a capital de Roraima. A cidade, assim como o estado, é fortemente constituída por práticas migratórias internas, com habitantes oriundos de todas as regiões do Brasil, especialmente nortistas e nordestinos. Todavia, o fenômeno da imigração internacional é um fato especialmente novo.

A prefeitura de Boa Vista chegou a estimar a presença na cidade de 40 mil venezuelanos aproximadamente. A imprecisão dos dados e o impacto negativo dessa ausência quantitativa sobre as estratégias de políticas públicas levou o ente municipal a promover recentemente um mapeamento, cujo resultado apontou para o número de 25 mil imigrantes venezuelanos na capital, representando um acréscimo de 7,5% da população local, que segundo a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017,

somava 332 mil habitantes. Por este mesmo mapeamento, a prefeitura de Boa Vista informou dados de perfil, tais como: 74% estão na faixa etária entre 15 e 60 anos; 57% são homens; 82% pretendem trazer seus familiares da Venezuela; 65% estão desempregados em Boa Vista, sendo que 90% destes não recebem nenhum tipo de ajuda institucional; e, 10% moram em espaços públicos.

Sendo, portanto, mais um processo do que um estado de situações, o que se propõe aqui é uma partilha dessa existência-experiência, como um esforço em sistematizar a profusão de saberes fragmentados acerca dos deslocamentos humanos, no caso, a diáspora venezuelana através de suas visualidades em Boa Vista.

Partindo disso duas observações são necessárias: É preciso sublinhar as dificuldades dessa escrita, especialmente diante da tarefa de buscar compreender, em pleno curso do processo e nele imerso, um viés do que se oferece ao olhar. A segunda observação trata de uma certa qualidade de testemunho do instante que ajuda a situar a galeria de imagens na sequência.

A cartografia visual dos imigrantes venezuelanos nas ruas da cidade de Boa Vista acolhe aos menos três significados temporais relevantes para compreender o seu contexto: as imagens foram feitas na semana seguinte ao dia 20 de maio de 2018, data da eleição presidencial da Venezuela em que se deu a reeleição de Nicolás Maduro. A votação com a maior abstenção da história do país é um marcador importante também para venezuelanos que vivem fora de sua nação. Via de regra, um resultado não surpreendente, mas que distância, na perspectiva do que deixaram sua pátria, a possibilidade do regresso, por haver na base da decisão de emigrar uma negativa última da capacidade de gestão institucional dos problemas do seu país; a paralisação nacional dos caminhoneiros pela redução no preço de diesel, desencadeada em 21 de maio de 2018, e o comprometimento no setor de abastecimento de combustíveis, reduziu a circulação de transportes e de pessoas, colaborando para um cenário mais esvaziado às ruas de Boa Vista; e, por fim, as condições meteo-

rológicas, uma vez que a observação se concentra no período de chuvas intensas na região,

Imigrante, identidade e contexto urbano

Há no enfrentamento cotidiano do imigrante venezuelano em Boa Vista uma série de situações de alta complexidade: o afastamento de seus parentes e a ruptura com o conhecido; o desamparo psíquico em decorrência do desgaste que mobilizou o êxodo até as suas formas presentes de angústia na nova nação; os estranhamentos culturais; as dificuldades prementes de comunicação pelo manejo com a língua portuguesa; a privação de recursos financeiros; a dificuldade de abrigo e de alimentação (a insuficiência, apesar da existência de 8 abrigos coletivos na capital); as reações de xenofobia, bem como o elevado grau de incertezas sobre o futuro. Para além da comiseração com o sofrimento dos venezuelanos, onde voluntários e representantes da sociedade civil buscam, em vários pontos da cidade, amenizar as necessidades dessas pessoas, uma onda xenofóbica avança sobre esse cenário. São discursos de intolerância e ódio que se distribuem principalmente pelas redes sociais. O conteúdo dessas mensagens apontam para o comprometimento estético da cidade, agora “poluída” pelos cenários da miséria humana; a ideia de que os serviços institucionais de saúde e educação estariam com capacidade esgotada de atendimento por conta do fenômeno migratório; a ameaça aos brasileiros pela “tomada” de postos de trabalhos, aumentando o desemprego entre os nacionais; os riscos pelo reaparecimento de casos de sarampo e o aumento dos índices de malária no Brasil, numa perspectiva de culpabilidade do imigrante venezuelano; e principalmente, mensagens que vinculam a presença dos venezuelanos com o crescimento da violência urbana.

Todavia, há cenas nesse processo imigratório que destacam outros sentidos possibilitados pelos fluxos e trocas, configurando formas de resistir e de propor importantes mudanças. Como assinala Nestor Garcia Canclini (2013, p. 16), as fronteiras não somente

separam um território nacional de outro. E sentencia: As fronteiras “[...] también pueden ser zonas de intercambio y solidaridad”.

Esse movimento que parece paradoxal, de fato enfoca sempre o jogo da *différance*. Conforme destaca Stuart Hall, há uma natureza intrinsecamente hibridizada em toda identidade e nas identidades diaspóricas em especial. “O paradoxo se desfaz quando se entende que a identidade é um lugar que se assume, uma postura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (HALL, 2003, p. 15).

Para situar os aspectos de representação das identidades em jogo é necessário, portanto, considerar as relações de poder, o sistema de valores e a construção de uma ampla rede de sentidos.

Práticas de rua e espaço do vivido

Procuramos nortear os enquadramentos visuais em duas principais perspectivas: a primeira, pelo recorte dos cenários casuais das ruas e avenidas de Boa Vista, na medida do encontro com os imigrantes venezuelanos, em suas distintas práticas de lugar e de sentidos; a segunda perspectiva a orientar os registros fotográficos foi a prerrogativa de, em geral, evitar a identificação frontal desses sujeitos sociais. Essa ideia se baseia na atenção em não vincular suas fisionomias a um estado de vulnerabilidade. Exceção apenas para a fotografia de abertura e as duas imagens de encerramento em que os relatos, de pessoas de nossa convivência direta, interpretam o processo migratório na perspectiva da integração, resistência e superação.

O paradoxo se desfaz quando se entende que a identidade é um lugar que se assume, uma postura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada – Stuart Hall

A rua como morada

O casal Jhon Muñoz e Dully Luengo foi a nossa ponte de aproximação com outras personagens desse êxodo venezuelano para o Brasil. Conhecemos primeiro

a Jhon na rotina em realizar serviços em nossa casa. Com a chegada de sua esposa da Venezuela, descobrimos que os dois estavam vivendo na praça do bairro vizinho.

Ele do ramo de restaurantes e Dully, enfermeira, na condição de imigrantes da Venezuela recém-chegados ao Brasil, foram submetidos a incerteza da oportunidade de trabalho, e logo não restou recurso para o aluguel de um imóvel. A casa foi a praça e nela o casal passou a ocupar durante a noite uma guarita da guarda municipal, pela aparência, desativada.

Depois de viver um tempo no abrigo da Igreja Consolata, no bairro São Vicente, o casal alugou um apartamento e convive com dois dos seus três filhos. O trabalho ainda é instável, mas os relatos são de esperança e de gratidão ao país que os recebeu.

A casa dos venezuelanos no Brasil, a partir do cenário da capital de Roraima, via de regra, tem a medida da urgência, movida pelo desejo de aqui chegar. Nessa perspectiva mais panorâmica, a cidade é a casa, num ajustamento possível entre as necessidades essenciais dos imigrantes e os dispositivos da urbe. A condição de rua de alguns imigrantes venezuelanos, por exemplo, é marcada pelas estratégias de aproximação com os diferentes templos religiosos e seus anexos, bem como pela improvisação no uso desses espaços, vivendo numa nova fronteira entre o interno e o externo.



Na praça do Caçari: os signos visuais se contrapõem a intimidade representativa do lar.

Fonte: Vângela Morais

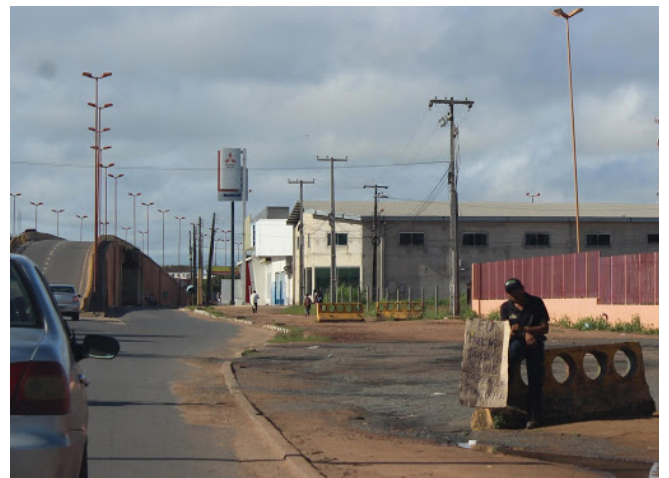
[...] a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem [...] A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. (BACHELARD, 1978, p. 201).



Fonte: Vângela Moraes

“Paredes imaginadas” entre varal e o asfalto

Fonte: Vângela Moraes

Venezuelanos na avenida Ville Roy: ponto de espera por trabalho

Fonte: Vângela Moraes

Uma disposição solitária

A rua e a busca por trabalho

Há diferentes formas dos trabalhadores venezuelanos dialogarem com as pessoas que transitam pelas vias da cidade, ao buscar uma oportunidade de trabalho. Quase sempre a própria disposição dos grupos, os cartazes em papelão com as expressões “pedreiro”, “jardinagem”, “pintura”, “serviços gerais” e algumas ferramentas são os sinais dessa presença e dos seus propósitos. As mulheres venezuelanas também começam a figurar em cenário similar ao descrito, especialmente pela oferta de mão de obra doméstica.

A localização estratégica dos trabalhadores venezuelanos em Boa Vista assevera o que diz o sociólogo Pierre Bourdieu (2008, p. 229): são “[...] lugares a defender e conquistar em um campo de lutas. O “corte radical” das convenções, onde muitos buscam o mesmo (oportunidade de trabalho), pode exprimir certa distinção, aguçar a percepção da diferença, marcar o extraordinário no ordinário.

A rua e a longa espera

Situação que tem se tornado comum: em volta de um abrigo coletivo, grupos de imigrantes venezuelanos se posicionam a espera de uma vaga. Nesta imagem no bairro São Vicente, vê-se a ocupação do canteiro central de uma de suas avenidas. É um dia de domingo, de pouca circulação no trânsito, de quase nula a possibilidade de trabalho. De espera pela segunda-feira.

No bairro Jardim Floresta, vê-se o mesmo. Famílias inteiras, adultos e crianças, improvisam suas acomodações. Um cenário que cresce em complexidade diante do rigoroso período de chuvas que, na região, costuma se estender de maio a agosto.

A espera na cotidianidade dos imigrantes é fadiga. O domingo e o sentido do descanso só se harmonizam na existência de uma semana de trabalho.

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. (CERTEAU, 2009, p. 31)

A rua e a infância

É Bachelard, em sua “Poética do espaço”, quem nos empresta um dos sentidos dessa imagem, apropriado em seu título. Vê-se a desproteção pátria no primeiro plano. O enquadramento visual da infância venezuelana deu-se nos arredores da rodoviária internacional de Boa Vista, enquanto os pais, de perto, se acomodavam embaixo da marquise de umas lojas fechadas pelo domingo.

Esta foi uma fotografia produzida, difícil de passar no crivo inocente das crianças que nos pedia para aparecer de frente, sorrindo, mostrando suas bonecas. Negociamos a imagem das bonecas em separado. Uma imagem representação de uma infância que resiste e preserva a sua condição menina, até mesmo onde sofre o caos. deles posicionados em praças, semáforos, nas portas dos estabelecimentos comerciais, canteiros centrais e esquinas das vias mais movimentadas da cidade.



No entorno da Igreja Consolata, imigrantes vivem um canteiro de espera



Um domingo

A urgência por uma ocupação também revela, de ímpeto, relativa dificuldade com a língua portuguesa. Mas os deslizos de fricção cultural com a ortografia não chegam a comprometer a comunicação com os passantes.

Esta composição, além de ser uma imagem interdependente da anterior, traz um dos símbolos da presença dos imigrantes venezuelanos em Boa Vista a mochila com as cores da bandeira do país vizinho, amarelo, azul e vermelho. A mochila é uma doação do governo venezuelano e, ironicamente, tem sido um dos símbolos da diáspora de seu povo.

A rua como espaço laboral

A leitura imagética inaugural da presença dos imigrantes venezuelanos em Boa Vista nos reporta aos semáforos da cidade e à prática cotidiana dos limpadores de para-brisa dos veículos. Ainda que essa forma de ganhar alguns trocados dos motoristas permaneça, outros trabalhadores imigrantes passaram a ocupar tempo do sinal vermelho oferecendo diversificados produtos. Diante da exposição e do contato direto com os condutores, o labor nos semáforos tem sido um lugar de solidariedade e de tensão com a sociedade local.⁵

A rua e suas inscrições

A busca por trabalho dos imigrantes venezuelanos em Boa Vista assume majoritariamente a forma de pequenos anúncios escritos em pedaços de papelão. A estética diferenciada e a forma criativa do anúncio se somam ao estado de vulnerabilidade dos seus portadores, um tanto deles posicionados em praças, semáforos, nas portas dos estabelecimentos comerciais, canteiros centrais e esquinas das vias mais movimentadas da cidade.

A urgência por uma ocupação também revela, de ímpeto, relativa dificuldade com a língua portuguesa. Mas os deslizos de fricção cultural com a ortografia não chegam a comprometer a comunicação com os passantes.



Fonte: Vângela Moraes

Quando a casa não mantém a infância imóvel "em seus braços"

Esta fotografia além de mostrar imigrantes enfileirados para receber doação de pães, num final de tarde, próximo à praça Simon Bolívar⁴, inscreve ainda o pri-

meiro dia de trabalho do venezuelano vendedor de ovos cozidos. Em sua narrativa, a esperança de que brasileiros e compatriotas promovam a sua iniciativa.

A rua como campo criativo

Os imigrantes venezuelanos Diana Afronativa e Luis Hernandez representam um dos diversos campos das apropriações e câmbios culturais híbridos que se intensificam nos processos migratórios. A expressão da atuação desses jovens vem pelo grafismo e o muralismo urbano. Da arte, sob o formato de coletivos, se sobressaem os elementos de conexão entre os países latino-americanos e a Amazônia.



Fonte: Vângela Moraes

Para elas, as meninas

Na esteira desse encontro de nacionalidades, a promoção de uma agenda cultural na cidade de Boa Vista se faz ainda pela apresentação de bandas musicais do país vizinho; exposições de artesanato de etnias indígenas venezuelanas, os Warao e Panare; a crescente oferta na cidade de uma gastronomia típica; o contato cotidiano com outro idioma/dialetos e os acréscimos linguísticos e culturais dessa polifonia; enfim, um conjunto de ações que se fundam sobre a égide de novos movimentos urbanos, a misturar a experiência cotidiana e a engendrar formas próprias de outras travessias, re-territorialização das lutas e interações.

Considerações finais

A galeria de imagens que retratam os dispositivos de presença dos imigrantes venezuelanos em Boa Vista se propôs a trazer para mais perto os sujeitos sociais desse processo. A ideia é chamar outras visualidades, sobre-

tudo, aquelas que nos façam reconhecer esse encontro de campos de solidariedade e de trocas identitárias a criar algo dinâmico e novo. processos migratórios. A expressão da atuação desses jovens vem pelo grafismo e o muralismo urbano.

Outro esforço nessas breves considerações é o de marcar a cartografia dos imigrantes venezuelanos no contexto da cidade de Boa Vista, por meio da experiência da vivência, adotando as técnicas de captação do instante vivido, por meio de imagens que indiciam uma realidade fugidia e em construção.

Roger Chartier (2003) aciona o conceito de “práticas criativas” para enfatizar, na perspectiva de Michel de Certeau essas diferentes “maneiras de fazer” ou “maneiras de fazer apesar de” que constituem as práticas de reapropriação do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. E é por meio dessa intervenção culturalmente criadora que inscrevemos os imigrantes venezuelanos, como utilizadores desse espaço público que é a cidade de Boa Vista, suas múltiplas determinações e tensões.



Fonte: Vângela Morais

Uma esperança ambulante



Fonte: Vângela Morais

A comunicação em papelão



Fonte: Vângela Morais

As raízes culturais latino-americanas em trânsito

Notas de fim:

1. O estado de Roraima, situado na região Norte do Brasil e com uma área de 224 mil km², possui duas fronteiras internacionais, ao norte com a Venezuela e a noroeste com a Guiana.

2. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/brasil-registra-numero-recorde-de-solicitacoes-de-refugio-em-2017.ghtml> Acesso em 29mar de 2018.

3. Três longas avenidas da cidade fazem referência a posição geográfica de Roraima: a avenida Brasil, Guianas e a avenida Venezuela. Esta última é o cenário da presente fotografia.

4. A praça Simón Bolívar chegou a abrigar mais de mil imigrantes venezuelanos, precariamente acomodados sob barracas ou sobre camas de papelão. Em março de 2018, a prefeitura de Boa Vista fechou a praça e juntamente com o exército conduziu as pessoas para abrigos. O local se mantém fechado para evitar o acesso de novos imigrantes. O nome da praça reverbera contraditórias memórias. Simón Bolívar foi um líder militar e político que atuou de forma decisiva nas revoluções em favor da independência de vários países da América Espanhola, a começar por seu próprio país, a Venezuela. O símbolo da liberdade do século XIX dramaticamente se atualiza com o êxodo recente dos seus compatriotas num logradouro da cidade de Boa Vista.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In:

ADORNO et al. *Teoria da Cultura de massa*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: RS: Zouk, 2008.

CANCLINI, Néstor García. *Las fronteras dentro de los países, las naciones fuera de su territorio*. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/diversitas/article/download/.../61371> Acesso em 12 mai de 2018.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. *Formas e Sentido*. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

FONTANARI, R. *Como ler imagens? A lição de Roland Barthes*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 31, p. 144-155, abr. 2016.

LAPLANTINE, François. *A descrição etnográfica*. Tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.